

O ESTUDO DE MARCAS CULTURAIS NO RELATO DE VIAGEM DE AU PAYS DE L'OR NOIR

THE STUDY OF CULTURAL SPECIFIC ITEMS IN AU PAYS DE L'OR NOIR'S TRAVEL REPORT

Katia Aily Franco Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Aline Rodrigues de Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado: *Processo tradutório e estudo de marcas culturais do relato de viagem Au pays de l'or de noir*, cujos métodos utilizados foram o estudo dos marcadores culturais/ICEs e das estratégias de tradução adotadas em um dos relatos de viagem de Paul Walle: *Au pays de l'or noir, Para, Amazonas, Mato Grosso*, publicado originalmente em 1909, na França. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma amostragem lexical da obra, levando em consideração o estudo das palavras em língua portuguesa (marcadores culturais) ligadas aos campos da *Ecologia* e da *Cultura Material* (NEWMARK, 1992), na obra francesa, e a estratégia de tradução da realidade em linguagem (LAPLANTINE, 1996) adotada pelo autor. Tivemos como base teórico-metodológica para a descrição dos marcadores culturais os textos de Newmark (1992), Franco Aixelá (2013), Laplantine (1996) e Ferreira (2014).

PALAVRAS-CHAVE: Tradução; Marcas Culturais; Paul Walle

ABSTRACT: This aim of this article is to present the partial results of the research project entitled *Translation process and cultural marks study of Au Pays de l'or noir's travel report*, which used, as research methods, the study of the cultural markers/ ICEs and the translation strategies adopted in one of Paul Walle's travel reports: *Au Pays de l'or noir, Para, Amazonas, Mato Grosso*, first published in 1909, France. The research was developed from a work's sample, taking into consideration the study

of the Portuguese words (Culture-Specific Items) connected to the Ecological and Social Culture's fields (NEWMARK, 1992), in the french work, and the translation strategy of the reality into language adopted (LAPLANTINE, 1996) by the author. The theoretical and methodological basis we used to describe the cultural markers were the texts of Newmark, (1992), Franco Aixelá (2013), Laplantine (1996) and Ferreira (2014).

KEYWORDS: Translation; Cultural Markers; Paul Walle

INTRODUÇÃO

Ao longo deste artigo, resultado parcial do projeto de pesquisa intitulado *Processo tradutório e estudo de marcas culturais do relato de viagem Au pays de l'or de noir*, pretendemos mostrar ao leitor como o viajante Paul Walle traduziu a realidade brasileira/amazônica para seus leitores franceses. Para tanto, utilizaremos os estudos sobre tradução e cultura (NEWMARK, 1992), sobre marcadores culturais/cultural-specific items (ICEs) (FRANCO AIXELÁ, 2013), e sobre as estratégias de tradução do olhar (LAPLANTINE, 1996 e FERREIRA, 2014) adotadas pelo autor em um de seus relatos de viagem, a saber: *Au pays de l'or noir, Para, Amazonas, Mato Grosso*, publicado originalmente em 1909, na França.

Uma das dificuldades encontradas na maior parte dos estudos da tradução enquanto transformação da realidade em linguagem (LAPLANTINE, 1996, p. 10) é a questão do “olhar”, do encontro de culturas que a transferência à linguagem proporciona. Ela pode se manifestar de maneira objetiva, em que se transforma a língua-cultura em outra por meio da substituição/equivalência de termos, ou de maneira subjetiva, posicionando o tradutor como o responsável por tornar algo visível em dizível, por meio da descrição observada (FERREIRA, 2014).

Neste artigo, estamos seguindo a ideia de cultura adotada por Newmark, segundo a qual: “[...] a cultura é o modo de vida próprio de uma comunidade que utiliza uma língua particular como meio de expressão e as manifestações que esse modo de vida implica” (1992, p. 133). E ainda, que “Dentro da língua pode haver várias culturas (e subculturas)” (ibid, 1992, p. 133) ¹.

Os marcadores culturais/ICEs, termos específicos de uma determinada cultura de partida que muitas vezes não possuem “equivalente” na cultura alvo, faz com que a tradução vá além da esfera linguística. A presença dessas marcas culturais pode demonstrar, no entanto, características a respeito da sociedade, da cultura e do país, e se configura um aspecto recorrente nas obras de viajantes estrangeiros no Brasil durante os séculos XIX e XX ².

¹ “[...] la cultura es el modo de vida propio de una comunidad que utiliza una lengua particular como medio de expresión y las manifestaciones que ese modo de vida implica.” E “Dentro de una lengua se pueden dar varias culturas (y subculturas)”. Tradução nossa

² Ver CAMARGO, K. A. F. Relatos de viagem e a tradução de palavras culturalmente marcadas: um estudo de caso. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, 2017, v. 37, n. 2, p. 159-176. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p159>>. Acessado em: 06 jul. 2017.

1. O VIAJANTE E SUA OBRA

Paul Walle (1872-1950) foi autor de inúmeras obras, que somam ao todo um arsenal de aproximadamente 118 livros³, publicadas em quatro idiomas entre o período de 1900 à 1932. As edições mais conhecidas são *Au Brésil* (1912) que inclui entre seus fascículos aspectos culturais e econômicos dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Sergipe e Alagoas; e a edição *Au pays de l'or noir*, publicada em duas edições, em 1909, e em 1911 com o título *Au pays de l'or noir: le caoutchouc du Brésil*, abordando, principalmente, o processo de exploração da borracha no Norte do país. No Brasil, apenas uma obra de Paul Walle foi traduzida para o português: *No Brasil, do rio São Francisco ao Amazonas*, por Oswaldo Biato e editada pelo Senado Federal brasileiro, no ano de 2006.

Esse conselheiro do Ministério do Comércio Francês foi encarregado de percorrer grande parte da América do Sul, no final do século XIX e início do século XX, quando o encontramos no Brasil. Em 1908 ele passa um ano na Amazônia (Pará, Ilha de Marajó, Manaus, etc.). Nos anos seguintes dá continuidade à sua expedição visitando os estados da Bahia, Goiás, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, São Paulo, etc. O objetivo dessas expedições era econômico: “estudar as condições econômicas e os métodos comerciais empregados pelos concorrentes franceses na República Argentina, Chile e na Bolívia” (BROC, 1999, p. 344)⁴. As obras de Paul Walle, ainda pouco conhecidas do público brasileiro por falta de traduções, têm um caráter mais prático que científico: inventário das riquezas naturais dos lugares que visitou; conselho aos futuros colonos ou homens de negócios franceses; desenvolvimento do comércio francês. Seu principal interesse é, no entanto, a exploração da borracha (BROC, 1999, p. 344-345).

Au pays de l'or noir: Para, Amazonas et Mato Grosso é uma obra/relato de viagem, assim como os vários outros que escreveu que estão disponíveis nos sites da <gallica.bnf.fr> e da <manioc.org>, cujo foco principal é a exploração da borracha nos estados amazônicos. Segundo nos diz o autor em sua Introdução:

³ Para a listagem de suas obras ver: OCLC WorldCatIdentities (disponível em <<http://worldcat.org/identities/lccn-n87134898/>>). Acessado em 6 de fevereiro de 2017.

⁴ “d’étudier les conditions économiques et les méthodes commerciales employées par nos concurrents dans la République argentine, au Chili et en Bolivie”. (BROC, 1999, p. 344) Todas as citações retiradas da obra de Broc (1999) são de nossa tradução.

Uma vez que a atualidade pertence à “rainha borracha”, nós nos empenhamos na elaboração de uma obra de vulgarização prática; nós conduziremos nossos leitores aos seringais para que conheçam, segundo observações recentes, as diversas espécies de árvores-de-borracha e as diversas variedades das quais são extraídas a preciosa goma. Nós nos propomos a descrever, segundo uma experiência pessoal, a existência independente, mas dura, dos seringueiros; indicaremos os procedimentos de extração e de elaboração dos diferentes tipos de goma, assim como os métodos mais racionais em uso nas plantações de Héveas do Ceilão ou da Malásia; esses métodos, se fossem empregados em todos os seringais amazonenses como desejariam os governos dos estados do Pará e do Amazonas, forneceria um produto superior a todas as borrachas de plantação, mesmo as mais bem preparadas⁵. (WALLE, 1909, p. 6 e 9)

Para falar da temática que lhe é cara, ele procura, primeiramente, desmistificar a imagem negativa dos estados que compõe a Amazônia, versando sobre facilidade de acesso, alimentação, cuidados de higiene, descrevendo as cidades mais importantes e as facilidades que um europeu pode encontrar nelas. Aponta para a possibilidade de exploração das terras agrícolas, de criação de animais para corte, etc.

A representatividade de Paul Walle no Brasil não se restringiu apenas ao trabalho de observação ligado à sua profissão. Ele também atuou como figura importante no cotidiano da sociedade manauara, tendo sido citado algumas vezes no *Jornal do Comércio*⁶ de Manaus como autoridade nos assuntos relacionados ao ouro negro.

⁵ “Puisquel’actualité appartient au ‘roicaoutchouc’, nous avons entrepris une oeuvre de vulgarisation pratique; nous conduirons nos lecteurs au milieu des seringaes pour leur faire connaître, d’après les observations récentes, les diverses espèces d’arbres à caoutchouc et les diverses variétés des quelles la précieuse gomme estextraite. Nous nous proposons de dépeindre, d’après une expérience personnelle, l’existence indépendante mais pénible des chercheurs de caoutchouc; nous indiquerons les procedes d’extraction et d’élaboration des différentes sortes de gomme, ainsi que les méthodes plus rationnelles en usage dans les plantations d’heveas de Ceylan et de Malaisie; ces méthodes, si elle sé tai entemploy é es dans tous les seringaes amazoniens comme le désireraient les gouvernements des États du Para e d’Amazonas, fourniraient un produit supérieur à tous les caoutchou de plantation, même les mieux préparés.”(p. 6 e 9). Tradução nossa

⁶ Ver o *Jornal do Comércio* – Manaus, 11 de Janeiro de 1910 (disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&PagFis=138057&Pesq=paul%20walle>). Acessado em 25 de janeiro de 2017.

2. AU PAYS DE L'OR NOIR – ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Na obra estudada, procuramos refletir acerca das estratégias tradutórias embasando-nos sobretudo nas categorias de *Ecologia* e *Cultura Material*, assim como na taxonomia de Newmark (1992), acrescida dos conceitos de “tradução etnográfica” presente em Laplantine (1996) e Ferreira (2014), e dos Cultural-specific items (ICEs) desenvolvidos por Javier Franco Aixelá (2013), por acreditarmos que esses autores se complementam entre si.

Para tanto, procuramos reunir os ICEs em um longo levantamento que buscou respeitar as Categorias culturais de Newmark (1992, p. 135) que segue abaixo:

1. *Ecologia*: flora, fauna, ventos, planícies, colinas.
2. *Cultura material* (objetos, produtos, artefatos)
 - 2.1. Comida e bebida;
 - 2.2. Roupas;
 - 2.3. Casas e cidades;
 - 2.4. Transporte.
3. *Cultura social*: trabalho e lazer.
4. *Organizações, costumes, atividades, procedimentos, conceitos*
 - 4.1. Políticos e administrativos;
 - 4.2. Religiosos;
 - 4.3. Artísticos.
5. *Gestos e hábitos*.

A partir desta classificação, recortamos um grupo de termos referente a duas categorias: 1. *Ecologia*; 2. *Cultura material* – transportes e objetos, para realizarmos uma amostragem específica e analisá-la de acordo com as estratégias tradutórias propostas por Newmark (1992, p. 117-132).

As estratégias definem diferentes classificações, compiladas abaixo, para os itens culturais específicos. Segundo Newmark (ibid., 1992, p. 117-132), existem no total quinze estratégias. Em resumo, são elas:

- Transferência: é a tradução de uma palavra para um correspondente na língua-alvo;
- Naturalização: é o procedimento em que aspectos do falante da língua original, sua pronúncia, são levadas em consideração na tradução morfológica da língua alvo.
- Equivalente Cultural: é a substituição de uma palavra cultural da língua original para uma equivalente na língua alvo;
- Equivalente funcional: nesta estratégia, um termo “sem cultura” é usado na tradução, muitas vezes como um novo termo específico; há a generalização da língua original;
- Equivalente descritivo: é a utilização de várias palavras para a realização da tradução da língua original para a língua alvo;

- Análise de componentes: é o procedimento pelo qual se compara termos com significados semelhantes da língua original e da língua alvo, embora não sejam equivalentes, para apresentar componentes comuns entre os diferentes componentes sensoriais;
- Sinônimo: é a tradução por um equivalente próximo na língua alvo; a economia supera a precisão;
- Tradução literal: é a tradução literal das expressões comuns, nomes de organizações e componentes de compostos;
- Alterações ou transposições: é a mudança gramatical de um componente da língua original para a língua alvo, ou seja, mudanças de singular/plural, alterações de estruturas de verbos para um grupo substantivo, etc.;
- Modulação: ocorre quando o tradutor/autor reproduz a mensagem do texto original no texto da língua alvo, pois a língua original e língua alvo podem ser diferentes em perspectiva;
- Tradução de reconhecimento: o tradutor/autor adota termos oficiais, que são aceitas em determinadas instituições como traduções legítimas;
- Compensação: ocorre quando a perda de significado em uma parte da sentença é compensada em outra parte do texto;
- Paráfrase: ocorre quando o significado do marcador cultural é explicado, em geral apresenta-se mais detalhado que o equivalente descritivo;
- Tradução conjugada (couplets): ocorre quando o tradutor/autor aplica, em conjunto, dois procedimentos diferentes de tradução;
- Notas, adições, glossário: são informações adicionais que o autor/tradutor pode inserir na tradução, podendo trazer aspectos culturais.
- Assim, definindo o âmbito de estudo, englobamos os conceitos apreendidos e aplicamos na tabela de termos retirada da narrativa estudada neste artigo.

3 RESULTADOS

Agrupamos na Tabela 1⁷, que segue abaixo, apenas as palavras culturalmente marcadas relacionadas a *Cultura Material* e *Ecologia*. A seleção dos marcadores foi feita de acordo com a ordem apresentada no texto original, levando em consideração a página, a apresentação da ocorrência no texto original, a seleção da palavra (léxico) e a estratégia de tradução proposta de acordo com a classificação de Newmark (1992).

⁷ Os exemplos foram extraídos das obras *Le Brésil tel qu'il este de Au pays de l'or noir: Para, Amazonas et Mato Grosso*, já referenciadas ao longo do artigo.

| Pág. | Ocorrência | Léxico | Estratégias de tradução – Newmark (1992) |
|-------|---|---|---|
| 15 | C'est non loin de ce point que notre steamer s'arrête un instant pour prendre un pilote qui arrive à bord d'une vigilinga , barque d'environ quatre tonneaux, portant deux voiles triangulaires sur l'une desquelles flamboie un P immense. [...] Puis ce sont des vigilingas , barques variant de quatre à douze tonneaux, portant deux et parfois trois mâts avec quatre voiles, le plus souvent teintes en rouge, suivant la coutume du Bas-Amazone; | Vigilinga | Equivalente descritivo: tradução explicativa entre vírgulas |
| 15 | [...] des cobertas , de quinze à vingt tonneaux, barques offrant quelque analogie avec les jonques chinoises: sur le pont, à l'arrière, se trouve une vaste chambre, et, au milieu, une sorte de couverture cintrée en voûte, destinée à abriter les marchandises et les passagers. | Cobertas | Equivalente descritivo: tradução explicativa entre vírgulas |
| 15 | [...] elle ne navigue guère que dans les furos et les igarapés , dédale de canaux étroits qui sillonnent l'immense delta des bouches de l'Amazone. | Furos Igarapés ¹ | Equivalente descritivo: tradução explicativa entre vírgulas. |
| 16-17 | Plus loin, des ubas , longues pirogues indiennes, tirant 50 centimètres d'eau à peine et longues de 10 à 15 mètres, se glissent à côté des montarias , sorte de canots grossiers, particuliers à la région, et des égariteas , bateaux de fleuves, couverts au milieu d'un seul toit de feuilles de palmier. Il y a encore le bote ou grand canot et le batelão , sorte de chaland. Il faut ajouter à ces embarcations de formes et de dimensions si variées l' igarassu , barque à deux couvertures. | Ubas Montarias Égariteas Bote Batelão Igarassu | Equivalente descritivo: tradução explicativa entre vírgulas. |
| 37 | Le commencement des crues est annoncé par un phénomène qu'on nomme prororoca , appelé tide bore par les Anglais. Suivant que les vagues sont plus élevées, et le volume d'eau plus considérable, la crue envahit les terres basses, occasionnant des ravages dans les établissements imprudemment construits à proximité des rives | Pororoca | Tradução conjugada; Equivalente descritivo: tradução explicativa entre vírgulas, passando primeiramente pelo equivalente em língua inglesa. |
| 37 | En plusieurs contrées les eaux couvrent certaines parties basses formant ce qu'en langage tupi on nomme des igapos ou régions de forêts inondées. | Igapos | Equivalente descritivo: tradução explicativa ao longo do parágrafo. |

¹ Traduzido como “pequenos rios”, nas p. 22-23 e como “canal navegável por pequenas canoas”, p. 159.

| | | | |
|---------|---|----------------------------------|--|
| 52-55 | [...] un petit poisson extrêmement vorace, nommé piranha . [...] | Piranha | Equivalente descritivo: tradução explicativa ao longo do parágrafo. |
| 55 | Généralement peu dangereux pour les hommes, les Jacarés sont un fléau pour les fazendas d'élevage, dont les pâturages s'étendent sur les bords des rios . | Jacarés Rios (recorre na p. 137) | Transferência |
| 91 | [...] nous devons faire escale à Porto de Moz, petite ville de 6.000 habitants, située sur la rive droite du Xingu, que nous remontons pour revenir dans l'Amazone, où nous touchons à Prainha , ce qui signifie petite plage. | Prainha | Equivalente descritivo: tradução explicativa ao longo do parágrafo. |
| 104 | Ce port présente toujours un spectacle animé et pittoresque, car, à côté d'un énorme transatlantique fourmillent bon nombre d'embarcations de tout genre, égariteas, montarias, cobertas , modestes lanchas à vapeur | Lanchas à Vapeur | Transferência: uma vez elencadas uma série de tipos de embarcações diferentes, ele insere lancha, sem mais explicações |
| 120 | De même, dit-il, que la nature des forêts et des cours d'eau est différente au Rio-Negro et au Rio-Jurua , de même aussi les espèces d'Heveas sont totalement différentes. | Rio-Negro Rio-Jurua | *Comparar com citações das p. 236-237. Ausência de padronização. |
| 151 | [...] Une lancha , vapeur de rivière, l'emmène, le plus loin possible, sur le cours d'eau qui a été choisi, ou bien tout le monde prend place dans une barque avec armes et bagages. | Lancha | Equivalente descritivo: tradução explicativa entre vírgulas, do termo "lancha", que apareceu na p. 104. |
| 236-237 | Sur le rio Madeira (rivière des bois), ces arbres sont en nombre tellement considérable que parfois ils forment des barrages que ne peut vaincre le courant. | Rio Madeira | Tradução literal. |

Tabela 1. ICes e estratégias de tradução observadas. **Fonte:** autoras.

Das estratégias apresentadas por Newmark (1992), apenas três foram consideradas recorrentes no estudo dos dezenove marcadores culturais em *Le pays de l'or noir*: "equivalente descritivo", "transferência" e "tradução literal".

Dessa forma, podemos deduzir que das dezenove palavras culturalmente marcadas, quatorze delas (73,6%) foram classificadas como "equivalente descritivo", duas delas (10,6%) como "transferência" e três (15,8%) como "tradução literal", ou seja, a estratégia adotada pelo autor do texto foi, em sua maioria, a utilização descritiva de palavras da língua-alvo para levar a mensagem ao leitor de forma a preservar aspectos da cultura e da língua portuguesa.

Paul Walle, no entanto, utiliza de outro recurso tradutório que não se encaixa na taxonomia de Newmark (1992), mas que achamos relevante e curioso trazer ao leitor.

Quando o viajante versa sobre os instrumentos utilizados para sangrar as diferentes espécies de seringueiras, ele não acha suficientemente esclarecedor para seu público descrever cada um deles, como por exemplo:

Nº. 1. Machadinha do Brasil empregada para a Hévea nas florestas amazônicas. [...]

Nº. 10. Faca Dixon, empregada no Ceilão para a Hévea. É uma faca lisa, podendo ser ajustada para cortar a casca na profundidade desejada. A base é provida de uma longa agulha para medir a espessura da casca. (WALLE, 1909, p. 189)⁸

Ele recorre à ilustração de cada um dos instrumentos enumerados, como podemos ver na Figura 1 que segue abaixo:



Figura 1. Instrumentos para sangrar a seringueira. **Fonte:** (WALLE, 1909, p. 190)⁹

⁸ Nº. 1. Machadinha du Brésil employé pour l'Hevea dans les forêts amazoniques. [...] Nº. 10. Couteau Dixon, employé à Ceylan pour l'Hevea, c'est un couteau plat, pouvant être ajusté pour couper l'écorce à la profondeur voulue. La base est pourvue d'une épinglette pour se rendre compte de l'épaisseur de l'écorce."(Walle, 1909, p. 189). Tradução nossa

⁹ Figura de domínio público.

4. DISCUSSÃO

O estudo dessa linguagem cultural, para usarmos o termo de Newmark, se configura num desafio para o processo tradutório, aqui entendido como a transformação do olhar em linguagem (LAPLANTINE, 1996). É nesse discurso que se tenta procurar uma definição tradutória que abarque e mantenha a concepção, a representatividade da cultura e das características sociais de determinado povo. Nesse sentido, Ferreira (2014) se refere a dois tipos de pesquisadores quando se está diante dos estudos em tradução: o tradutor e o etnógrafo. Para tais categorias, ela explica que tanto o tradutor quanto o etnógrafo são intérpretes do discurso, mas apenas o etnógrafo é capaz de traduzir o “visível em dizível” (LAPLANTINE, 2005 *apud* FERREIRA, 2014), em que ocorrem os “encontros de diferenças e não substituição”. “[...] A tradução etnográfica, portanto, não é uma tradução ‘substituição’ e/ou ‘equivalente’, ela está presente ao lado da prática discursiva do outro a ser descrito”. (FERREIRA, 2014, p. 384)

Como vimos na Tabela 1, acima, a procura por descrever as categorias: 1. *Ecologia*; 2. *Cultura material* pelo viajante francês configura uma forma de aproximar o leitor estrangeiro à cultura desconhecida, trazendo para ele uma diversidade de vocabulários específicos e imagens iconográficas. E não só isso: ao realizar a descrição dos ICEs, atribui-se um “valor” trazido pela diferença de culturas, ou seja,

[...] frente à diferença trazida pelo outro, com toda uma série de sinais culturais capazes de negar e/ou questionar nosso próprio estilo de vida, a tradução possibilita à sociedade receptora uma ampla variedade de estratégias, variando da conservação (aceitação da diferença por meio da reprodução dos sinais culturais no texto fonte), à naturalização (transformação do outro em uma réplica cultural). [...] (FRANCO AIXELÁ, 2013, s.p).

Assim, ao estudarmos os relatos de viagem, mais especificamente a obra aqui analisada de Paul Walle, podemos notar que há uma preferência pelo tipo de tradução baseada na conservação da língua do falante, trazendo para a cultura do outro um léxico ligado aos costumes de um grupo social distinto.

É dessa forma que o estudo da tradução, especificamente dos Cultural-specific items, se torna um componente único capaz de estabelecer relações entre culturas, de relatar as experiências dos relatos de viagem pelo encontro com o *Outro* e não apenas como se esta existisse de *per si*. Na narrativa em questão, Paul Walle buscou explorar o cotidiano brasileiro de forma a valorizar sua própria observação, e dessa forma preservou tanto o seu olhar quanto tornou aspectos de uma cultura visíveis, importantes, para outra cultura diferente.

Em nossa procura por tentar identificar os processos culturais que englobaram a obra em questão, identificamos o peso que esses marcadores/ICEs possuem, seja em relação à sua importância, por trazer riqueza ao texto ao estabelecer a relação entre língua e cultura, como vimos, seja por sua dificuldade de tradução. Sobre esse campo de estudo, Soto Almela (2014), nos explica sobre

a definição de “culturema”, outro conceito utilizado neste tipo de análise, e os possíveis problemas tradutológicos decorrentes da tradução, o que estabelece relação com o marcador cultural trabalhado neste artigo. Para ele,

[...] os culturemas são termos com índole cultural, pertencentes a diferentes áreas da mesma cultura, conhecidos e compartilhados por todos os membros de uma sociedade que, ao serem transferidos para uma outra cultura podem dar lugar a problemas tradutológicos, o que suporá uma possível adaptação linguística do termo por meio de várias técnicas de tradução para torná-lo compreensível na cultura receptora.¹⁰ (SOTO ALMELA 2013 *apud* 2014, p. 148)

Dessa forma, questionar a dificuldade da tradução dos marcadores culturais/ICEs é pensar sobre a intraduzibilidade como um dos modos de autoafirmação de um texto. Observando a opção do autor em manter os termos geográficos e marítimos tais quais na língua de partida, como vimos por meio da estratégia tradutória predominante, afirma sua preocupação em manter o valor essencial do texto, que poderia ter sido perdido caso outra estratégia de tradução tivesse sido adotada. Então, o valor do marcador cultural/ICE também deve ser visto como uma ponte entre o natural e o desconhecido, assim como o eram os relatos de viagem dos viajantes franceses na busca pela experiência singular de relatar aquilo que se viu e viveu em terras brasileiras.

5. CONCLUSÃO

Por fim, a análise feita nos mostra que os aspectos culturais de uma determinada língua podem gerar dificuldades ao realizar a tradução para uma outra língua cultura, e que dentre as inúmeras maneiras de se traduzir o olhar do tradutor-viajante, Paul Walle optou por manter palavras e expressões em língua portuguesa, utilizando principalmente o processo da explicação entre vírgulas ao longo de um parágrafo (“Equivalente descritivo”) para mostrar a seu leitor francês essa realidade outra, mantendo assim certo exotismo em sua narrativa.

¹⁰ “[...] los culturemas son términos de índole cultural, pertenecientes a ámbitos diferentes de una misma cultura, conocidos y compartidos por todos los miembros de una sociedad que, al ser transferidos a outra cultura, pueden dar lugar a problemas traductológicos, lo que supondrá una posible adaptación lingüística del término por medio de diversas técnicas de traducción para hacerlo comprensible em la cultura receptora.” (SOTO ALMELA, 2013 *apud* 2014, p. 148). Tradução nossa

REFERÊNCIAS

BROC, N. *Amérique*. Dictionnaire illustré dès explorateurs et grands voyageurs Français du XIX^e siècle. Paris: Édition du CTHS, 1999.

CAMARGO, K. A. F. Relatos de viagem e a tradução de palavras culturalmente marcadas: um estudo de caso. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, 2017, v. 37, n. 2, p. 159-176. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p159>>. Acessado em: 6 jul. 2017.

FERREIRA, A. M. A. O paradigma da descrição na tradução etnográfica: Lévi-Strauss tradutor em Tristes Trópicos. *Acta Scientiarum*. Language and Culture. Maringá: 2014, v. 36, n. 4, p. 383-393. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/23837/pdf_44>. Acessado: 31 out. 2016.

FRANCO AIXELÁ, J. Itens culturais-específicos em tradução. *In-Traduções*. Florianópolis, 2013, v. 5, n. 8, p. 185-218. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/viewFile/2119/2996>>. Acessado: 6 dez. 2016.

LAPLANTINE, F. *La description ethnographique*. Paris: Armand Colin, 1996.

NEWMARK, P. *Manual de Traducción*. Madri: Catedra, 1992.

SOTO ALMELA, J. Referencias culturales em el ámbito de la flora: estratégias traslativas em folhetos turísticos de la región de Murcia (España). *Cadernos de tradução*. Florianópolis, nº 34, p. 142-166, jul./dez. 2014.

WALLE, P. *Au pays de l'or noir: Para, Amazonas, Mato Grosso*. Paris: E. Guilmoto, 1909.

_____. *Au pays de l'or noir: le caoutchouc du Brésil*. 2. Ed. Paris: E. Guilmoto, 1911. Disponível em: <<http://www.manioc.org/patrimon/FRA11207>>. Acessado: 16 nov. 2016.

Katia Aily Franco Camargo
KAily@uol.com.br

Aline Rodrigues de Souza
dSouza.Aline@gmail.com

Recebido em: 26/9/2017

Aceito em: 16/2/2018

Publicado em Abril de 2018